

FARIA FILHO, Luciano Mendes. **Edição e Sociabilidades intelectuais**: a publicação das obras completas de Rui Barbosa (1930-1949). [formato eletrônico – E-Book]. Belo Horizonte: Editora Autêntica/Editora UFMG, 2017.

**Gilvana de Fátima Figueiredo GOMES\***

Em 1949, José Beleza dos Santos citou Álvaro Lins para afirmar: “Não é uma figura histórica, mas contemporânea. Há uma presença de Rui Barbosa [...]”.<sup>1</sup> Mais de meio século depois, a assertiva ainda tem fundamento, afinal, o vulto do jurista, estadista, diplomata, escritor, tradutor e jornalista baiano é frequentemente retomado como exemplar bem acabado da cultura nacional, como monumento político ou objeto de análise, entre outros procedimentos que não se apoiam exclusivamente na trajetória e grandeza de Rui Barbosa.

Com a intenção de problematizar um período-chave na constituição da *atualidade perene* de Rui Barbosa, Luciano Mendes de Faria Filho desenvolveu uma minuciosa pesquisa a respeito da edição completa de suas obras, entre 1930 e 1949. Faria Filho possui um largo percurso de pesquisa nas áreas da Educação e da História da Educação e, nos últimos anos, tem se dedicado à análise do diálogo entre grandes pensadores sociais e as sucessivas configurações do campo educacional nacional, esse último tomado como parte relevante nos projetos de Brasil. Em *Edição e Sociabilidades Intelectuais: a edição das obras completas de Ruy Barbosa (1930-1949)*, lançado em 2017 pelas editoras Autêntica e da UFMG, o autor acrescenta às suas pesquisas um novo componente crítico, posto que desvenda o processo histórico por meio do qual Rui Barbosa passou a ser considerado o pioneiro da pedagogia moderna no Brasil. Empiricamente, trata-se do programa de edição das obras completas do patrono da *Casa Rui Barbosa*, desenvolvido em grande medida sob os auspícios do Estado Novo.

No livro, emergem como categorias analíticas destacadas as noções de *sociabilidades intelectuais* e *repertórios culturais*. A primeira, tributária da boa aceitação e circulação de Jean-François Sirinelli no Brasil,<sup>2</sup> permitiu ao autor desvelar o conjunto de relações – afetivas, profissionais e políticas – estabelecidas em torno do projeto editorial e que lhe deram forma e sentido. A segunda, empregada conforme argumentação Charles Tilly indicou a possibilidade de abordar a produção *ruiana* como um conjunto de argumentos

---

\* Professora do Departamento de História da Universidade Estadual do Centro-Oeste – Rua Padre Salvador, 875 – CEP: 85015-430 – Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em História – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis – Av. Dom Antonio, 2100, CEP: 19806-900, Assis, São Paulo, Brasil. E-mail: fichamentoshistoria@gmail.com

retomado e atualizado em razão de interesses contemporâneos do projeto editorial.<sup>3</sup> Constantemente articuladas, essas duas categorias dão estrutura analítica aos quatro capítulos da obra, que contém, ainda, além de prefácio, apresentação e conclusões, um apêndice com sinopses biográficas dos envolvidos na produção das *Obras Completas de Rui Barbosa*.

No primeiro capítulo, *Da casa museu a casa editora*, o autor analisa um conjunto de ações empreendidas no âmbito da Casa Ruy Barbosa que permitem deslocar seu sentido inicial de uma *casa museu* para uma *casa editora*. Trata-se do desenrolar de um projeto iniciado a partir de 1924, quando o prédio – juntamente com móveis e biblioteca – foi adquirido pelo governo e transformado em museu que abrigava o legado material e simbólico do seu falecido proprietário; data desse momento a emergência da ideia, encampada por parentes, amigos e admiradores de publicar a totalidade das obras do ilustre baiano.

Os esforços se avolumaram no final de 1930 e durante a década seguinte, afinal, aproximava-se o Centenário de Rui Barbosa – celebrado em 1949 –, o que incentivou as atividades editoriais na Casa, onde técnicos e intelectuais viviam às voltas com pesquisas sobre originais, revisões, prefácios e impressões. Acrescente-se, o apoio não menos importante de Gustavo Capanema – sujeito ativo nas reformas culturais do Estado Novo – que procurou, com aditamentos governamentais, aviar as atividades e foi responsável por definir, em parte, as normatizações que deveriam guiar as *Obras Completas de Ruy Barbosa*, ordenando critérios cronológicos para a composição dos volumes e temáticos, para os tomos; definiu, ainda, que cada edição receberia um acabamento gráfico padronizado e esmerado, correspondente à grandeza do seu autor.

Mais difícil foi a tarefa de organização dos originais que deveriam compor as temáticas, afinal, era um gesto relativamente arbitrário que dava arranjo inédito a documentos elaborados em circunstâncias e tempos múltiplos – muitos dos quais perdidos ou desconhecidos. Nesse caso, as decisões ficaram a encargo da Comissão Organizadora das Obras Completas – com destaque para Américo Jacobina Lacombe, secundado pelos empregados da Casa Ruy Barbosa e por prefaciadores; a esses últimos – representantes ilustres das posturas intelectuais nacionais – cabia apresentar adequadamente os tomos, valendo-se de meticulosas pesquisas e outras informações atinentes à publicação, além de eventuais notas e uma introdução ao texto, localizando-o no quadro das *Obras Completas* e, não raramente, no contexto cultural e político nacional.

Inicialmente, cada volume teria um prefaciador diferente, o que daria ao projeto e a Ruy Barbosa legitimidade em vários campos de poder e saber, contudo, diante dos atrasos daqueles que foram convidados para a tarefa, Lacombe abriu mão dessa marca distintiva.

Além disso, a empreitada apresentou outros problemas como a mudança de governos, entre 1945 e 1946, que impactou diretamente nas verbas destinadas ao projeto, e dificuldades técnicas, como a escassez de papel por ocasião da II Guerra Mundial e a lentidão no processo de impressão que inicialmente esteve a cargo da Imprensa Nacional, órgão público que, ao que parece, não tinha estrutura para atender tal demanda.

No segundo capítulo, *Fios, tramas e dramas da edição*, Faria Filho acrescenta à Casa Rui Barbosa a característica de espaço de sociabilidade, afinal, seus diferentes diretores procuraram, ao longo dos anos de 1930, notabilizar a instituição pela promoção de atividades voltadas ao incremento cultural nacional, o que atraiu parceiros e visitantes. Quando o projeto das *Obras Completas* passa a integrar efetivamente os interesses da Casa, e mais tarde do governo, outras figuras ocupam tal cenário e o autor oferece passagens biográficas desses sujeitos, demonstrando diferentes níveis de dedicação à iniciativa editorial.

Central nessa sociabilidade foi Américo Jacobina Lacombe, que esteve à frente de boa parte do empreendimento e alimentou relações variadas com vistas a atrair colaboradores para a edição das *Obras Completas*. A complexidade desse grupo cresceu na medida em que os prefaciadores passaram a ser convidados para compor o projeto. Aproximadamente trinta e dois nomes foram chamados e, ainda que destaque a heterogeneidade dos associados, Faria Filho indica compartilhamentos. Acadêmicos de direito nos tempos de juventude ou advogados na idade adulta, militantes políticos, membros de outras agremiações intelectuais – como a Academia Brasileira de Letras –, trânsito nas grandes casas editoriais do período, pertencimentos geracionais e a origem baiana são alguns dos crivos reivindicados pelo pesquisador, que reforça, contudo, a importância de relativizar tais filtros.

Entre os prefaciadores que compõem essa ilustre rede mobilizada pelas *Obras Completas* o destaque fica para José Câmara, o mais assíduo e produtivo prefaciador do projeto, mas, que destoando dos colegas em termos de fortuna intelectual e monetária, tardou a alcançar reconhecimento por sua contribuição. Em suas correspondências com Lacombe, percebe-se o desconforto pelo tratamento dado às suas produções, muitas das quais manipuladas sem autorização prévia; entretanto, Câmara, ainda que frequentemente ameaçasse abandonar o trabalho, permaneceu ao longo do processo por várias décadas como prefaciador e valeu-se dessa atividade para arrebatar dividendos intelectuais e profissionais na sua trajetória.

*Os prefácios: retórica, política e mediação cultural* – terceiro capítulo – abordam os prefácios das *Obras Completas*, tratando-os como peças-chave na compreensão do lugar social que o projeto alcançou entre 1930 e 1949. Caracterizados como textos distintos na

abordagem e extensão, as aberturas dos tomos encomendadas pela Casa Rui Barbosa eram, via de regra, frutos de um trabalho extensivo de pesquisa sobre os originais. Ainda que existisse uma orientação de acordo com a qual os prefácios deveriam indicar ao público, de maneira objetiva, as circunstâncias de publicação da obra, o que se destaca é a heterogeneidade desses textos, muito embora todos estivessem de acordo quanto à genialidade de Rui Barbosa. Para Faria Filho, a elegância e capacidade analítica do prefácio de Lucia Miguel Pereira, única mulher prefaciadora, merece nota; assim como, os usos políticos e contemporâneos daquela oportunidade, feitos Austregésilo de Ataíde que, em 1945, aproveitou para opor a obra Rui Barbosa ao Estado Novo.

A *Construção de Rui Barbosa como pedagogo brasileiro* é o título do último capítulo, no qual o pesquisador coloca uma questão fundamental: o papel que a edição das *Obras Completas* teve na renovação da importância de Rui Barbosa no quadro intelectual, político, cultural e educacional brasileiro. Se, de maneira geral, esse projeto representou um divisor de águas na trajetória da memória de Rui Barbosa, ao dar forma, ordem e matéria para seu legado escrito, garantindo acesso de todos que por ele se interessassem, de maneira específica, foi com esse esforço que a figura de Rui Barbosa emergiu como responsável pela entrada da pedagogia moderna no Brasil.

Nesse caso, mais do que a grandeza das reflexões de Barbosa sobre a educação, representada pelos pareceres sobre o ensino primário, secundário e superior – datados de 1882, quando Rui foi relator da Comissão de Instrução Pública da Câmara dos Deputados, é ao contexto de reformas educacionais do Estado Novo que o autor vai creditar tal qualificação. É válido lembrar que, nas décadas de 1930 e 1940, diferentes pensadores tomaram posição sobre quais deveriam ser os preceitos que orientariam as novas políticas educacionais e, nesse sentido, os textos parlamentares de Rui Barbosa serviram de argumentos ora para promover determinadas posturas, ora para combatê-las.

Por ocasião do lançamento dos tomos que continham os pareceres de Rui Barbosa sobre o ensino, pensadores envolvidos nas discussões educacionais de 1930-40 atribuíram novas qualidades a Rui Barbosa: Francisco Venâncio Filho defendeu a ideia de que havia uma pedagogia completa pensada por Rui, visto como o pedagogo da nação; Thiers Martins Moreira, prefaciador dos textos sobre o ensino secundário e superior, não negava tal postura ainda que questionasse a atualidade do pensamento *ruiano*; Lourenço Filho e o próprio Lacombe, esse de maneira menos enfática, acreditavam que as concepções de Rui Barbosa teriam utilidade e atualidade na década de 1940; já Fernando de Azevedo, sujeito ativo nos debates educacionais daquele quartel, optou por não citar os textos devotados à pauta educacional, indicando uma tentativa de neutralidade, que o colocava em oposição aos interlocutores citados anteriormente. Após os recorrentes debates desse período sobre

as contribuições de Rui Barbosa à educação, tal representação se afirmou no imaginário coletivo.

Da perspectiva historiográfica, a obra aqui sintetizada surge como exemplar dos bons resultados obtidos por pesquisadores que têm tomado história da edição e dos livros como percursos de pesquisa. Nesse caso específico, o autor consegue demonstrar as relações entre políticas públicas, projetos de nação, afinidades intelectuais e disponibilidades técnicas, analisando as *Obras Completas de Rui Barbosa*, projeto ainda não acabado, com atenção às suas possibilidades e limitações.

É válido ressaltar que o autor, em vários momentos do texto, destaca a manipulação do tempo empreendida pelos protagonistas da edição das *Obras Completas* que pretendiam tornar Rui Barbosa contemporâneo de seus leitores. Em *Edição e Sociabilidades Intelectuais*, Faria Filho recorre ao expediente de manipular o tempo e, ao longo dos capítulos, apresenta informações e análises que vão e voltam entre 1930 e 1949; com isso e, a despeito de não ter formação em história, o autor construiu uma narrativa que recria – na medida do possível – a complexidade das experiências humanas no tempo, fragmentadas, contingentes, ainda que absolutamente contemporâneas das suas condições de emergência.

## NOTAS

---

1 SANTOS, José Beleza dos. Apud. FARIA FILHO, Luciano Mendes. O mártir, o humanista, o pedagogo: a contemporaneidade de Rui Barbosa e a educação nas comemorações do centenário de seu nascimento (1949). *Educar em Revista*, n. 50, p. 159-179, Curitiba, out. - dez. 2013. p. 177.

2 SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René. *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

3 TILLY, Charles. Contentious Repertoires in Great Britain, 1758–1834. *Social Science History*. v. 17, N. 2, pp. 253-280, Summer 1993.